

NOVOS ALAGADOS

PMS	BIR
Jornal	A Tarde
Data	04/09/00
Caderno	Local 7
Seção	
Assunto	Bairro

Alagados, o retrato do inferno urbano

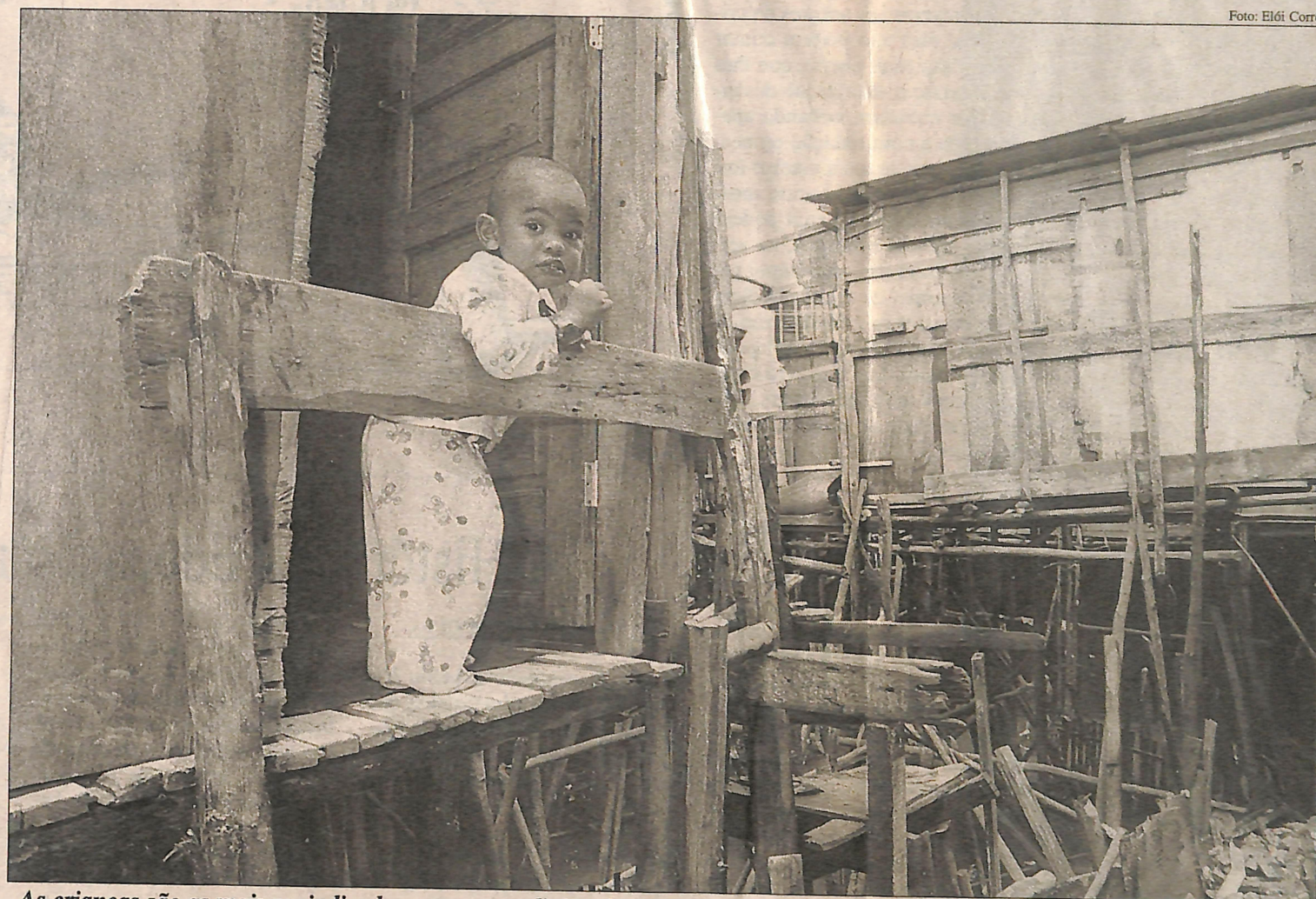
MISÉRIA –
Em Alagados a
miséria é
explícita e os
riscos enormes

CÍNTIA KELLY

Os contrastes das grandes cidades brasileiras são assustadores. Em Salvador a situação é ainda mais chocante. O retrato fiel da miséria pode ser visto em Alagados, onde inúmeras famílias se amontoam em barracos de apenas um vão, suspensos por palafitas. Os acidentes com os moradores são constantes. Três crianças de uma mesma família morreram em um incêndio que atingiu quatro barracos e pouco mais de dois meses depois do ocorrido a situação continua a mesma.

A energia só chega por “gato”, um perigo não só para quem realiza a ligação clandestina, mas para quem se beneficia com ela. “A gente sabe que é arriscado, mas essa é a única maneira de a gente ter luz sem ter que pagar R\$ 37, que era o valor da conta quando chega em nossa casa”, justifica a dona-de-casa Ronsângela Sena Ferreira. Ela mora em um barraco com o marido e a filha recém-nascida, que, com apenas dois meses, já sofre com problemas respiratórios. “Eu tenho que tapar as paredes de madeirite com os lençóis e minhas roupas porque entra vento e água da chuva pelas frestas”, diz.

Como todos os dejetos são lançados na maré, os moradores ainda têm que conviver com o mau cheiro exalado pelas suas próprias fezes. De acordo com a vendedora de acarajé, Ana Maria Bispo Alves, que há sete anos mora em palafitas, a coisa fica muito pior quando a maré sobe e cachorros vadios morrem afogados.



As crianças são as mais prejudicadas com as condições de vida nas palafitas de Alagados, pois estão sujeitas a riscos de vida

“O cheiro fica insuportável porque muitas vezes os bichos ficam presos nas palafitas e a maré não consegue arrastar. Com isso o cheiro fica impregnado dentro de casa”, conta, acrescentando que a filha ficou vários dias com problema respiratório por causa do mau cheiro que se perpetuou por vários dias.

“A gente vive aqui esquecido pelo prefeito (Antonio) Imbasahy. Ele fica dizendo que está fazendo melhoras, mas onde está essa melhora. Na Pituba? Só se for. Desde que aconteceu o incêndio, a prefeitura disse que ia tirar a gente daqui, mas até hoje nada aconteceu. As crianças só vivem doentes. Será que

ele não está vendo isso?”, questiona a vendedora de acarajé Ana Alves.

Além de ter que se adaptar com a precariedade, os moradores ainda têm que conviver com o preconceito de patrões. A exemplo da empregada doméstica, Maria das Graças Paim, que foi demitida do emprego 15 dias depois que o acidente com as três crianças virou noticiário em toda a imprensa. “Eu cheguei no trabalho e a minha patroa virou para mim e disse: você e sua família estão doentes, estão com tuberculose. Não entendo como vocês moram em um lugar daqueles. Depois disso ela me demitiu”, conta.

Crianças acostumadas

Embora pareça absurdo, muitas pessoas já se acostumaram com a miséria. O mau cheiro que é exalado pelas fezes já não mexe com o organismo. Para qualquer pergunta, a resposta é: Deus quis assim. Fazer o quê? O quadro cruel da realidade das pessoas que moram abaixo da linha de miséria é reconhecido até pelos poderes públicos, mas os resultados ou não aparecem ou

chegam a passos lentos.

A desempregada Ivânia Sousa, que mora há um ano em palafitas na Ilha do Rato – única ilha na área urbana de Salvador –, diz que não sente o mau cheiro e acha que é exagero de quem reclama. “Eu já estou acostumada com isso”. E os filhos (ela tem três)? Ela responde com a frieza de quem já sofreu muito. “Não. Eles já nasceram acostumados com essa vida”.

Foto: Elói Corrêa